



Da capital ao interior: os usos do espaço público por crianças e jovens de periferia em perspectiva comparada

Mirila Greicy Bittencourt Cunha¹
Wallace da Silva Mello²

Resumo: O presente trabalho, originado de pesquisas de mestrado, constitui-se em descrição e análise da circulação e uso de espaços públicos por crianças e jovens de regiões de periferia do Rio de Janeiro e de Campos dos Goytacazes. Foram utilizadas as técnicas da observação e de entrevistas entre os meses de março de 2017 e março de 2019. Através da comparação, buscou-se perceber as semelhanças e diferenças nos usos e circulação em espaços públicos. Entre os resultados, destacam-se as tensões e negociações entre as crianças e jovens e os administradores desses locais e os processos de ressignificação do uso e circulação no MAM-RJ e na UENF-RJ. Na ausência de aparelhos públicos nas periferias, esses espaços funcionam como ponto de encontro e lazer.

Palavras-Chave: Circulação. Periferia. Espaços públicos. Sociologia urbana.

From the capital to the interior: the uses of public areas by children and youth from the periphery in a comparative perspective

Abstract: The present work, originated from master's research, is an effort to describe and analyze the circulation and use of public spaces by children and young people from the periphery of Rio de Janeiro and Campos dos Goytacazes. Observation and interviewing techniques were used between March 2017 and March 2019. Through comparison, we sought to understand the similarities and differences in the uses and circulation in these public spaces. Among the results, we highlight the tensions and negotiations between children and young people and the administrators of these places and the processes of resignification of use and circulation. MAM - RJ, and UENF - RJ. In the absence of public facilities on the outskirts, these spaces function as meeting point and leisure.

¹ Mestre em Sociologia Política (UENF/RJ). Doutoranda Ciências Sociais (UFES/ES). Bolsista Capes. ORCID: <https://orcid.org/0516-3274-0003-0>. E-mail: mirila.cunha@edu.ufes.br.

² Mestre em Sociologia Política (UENF/RJ). Doutorando Sociologia Política (UENF/RJ). Professor da Seeduc-RJ. Bolsista Faperj, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7043-382X>. E-mail: wallace_sm89@hotmail.com.



Keywords: Circulation. Periphery. Public areas. Urban sociology.

1. Introdução

O presente trabalho pretende apresentar, ainda que em modo reduzido, as motivações e os resultados de duas pesquisas de mestrado (CUNHA, 2019; MELLO, 2019) realizadas no âmbito do Programa de Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PPGSP/UENF-RJ). Tais pesquisas se aproximam diante a tentativa do entendimento das relações sociais na cidade. Mais especificamente, da circulação de alguns grupos e indivíduos. São estes indivíduos corpos negros, jovens³ e maioria do sexo masculino, que desde cedo (crianças) aprendem, na sua experiência e vivência pelo espaço urbano, a existência de conflitos e a necessidade de negociações.

Refletimos sobre os significados e os posteriores ressignificados que as formas de apropriação de espaços urbanos da cidade do Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes concretizam. Mais especificamente no MAM (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) e na UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro).

As pesquisas foram realizadas entre os anos de 2017 e 2019 perante o acompanhamento da sociabilidade de crianças e jovens oriundos de regiões periféricas e sua circulação e restrições. No caso carioca, trata-se dos limites do uso externo do museu (MAM) para ensaios e treinos de *Break*⁴ por jovens. No interior do estado, as tensões, negociações e repressões observadas ocorreram no espaço da universidade (UENF), ao modo de uso dos equipamentos e construções, da circulação e das brincadeiras – e trabalho informal – realizadas por crianças e jovens.

Para o recorte deste artigo, serão apresentados moradores do Jacaré (no Rio) e da Portelinha (em Campos). Áreas pobres das cidades cuja presença do tráfico de drogas, de altos índices de desemprego e baixa escolaridade são elementos que constroem *stigmas* ligados à criminalidade, cor da pele, classe

³ De acordo com a Proposta de Emenda Constitucional da Juventude aprovada pelo Congresso em setembro de 2010 e o Estatuto da Juventude sancionado em 2013, considera-se jovem no Brasil todo o cidadão com idade entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013).

⁴ O *break* está relacionado ao *Hip Hop*. Eu, Mirila, aprendi no ano de 1999, aos 12 anos de idade, no interior do estado, em Macaé, enquanto praticante, e considero até hoje, o Hip Hop como um movimento. Iniciado durante a década de 1970, nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas na cidade de Nova Iorque, tem África Bambaataa como o criador do nome “Hip Hop”. Tal nome representa a união de cinco elementos: 1) *Breakdance*: com os B. Boys (*Break Boys*) e as B. Girls (*Break Girls*), aqueles e aquelas que dançam no *break* das músicas (à ocasião, a música era o *Funk Music*); 2) *MC* (Mestre de Cerimônia): com o microfone em mãos, é o condutor da comunicação palco x público, muitas vezes também produzindo *RAP* (*Rhyme And Poetry* - Rima e Poesia); 3) *DJ* (*Disc Jockey*): geralmente junto ao *MC* para a produção do *RAP*, elaborava os sons com discos de vinil. Sons elaborados para os B. Boys e as B. Girls dançarem; 4) *Graffiti*: manifestação artística em espaços públicos, ao seu início, elaboradas com latas de spray em estações, túneis e vagões de trens e metrô; e 5) Conhecimento: consciência às suas ancestralidades Africana e Latina, ao enfrentamento à violência que os atingiam diante às questões de racismo, xenofobia e imigração (para além das demais questões que as regiões de moradias periféricas per si já envolvem) (CUNHA, 2019).



social, impactando suas circulações e modos de usos citadinos. Experiência que se aproxima do que Machado da Silva (2016) conceitua como “sociabilidade violenta”, habitada por “corpos abjetos”, definidos por Judith Butler (2000, p. 155), como aqueles que “não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.

As interações sociais por grupos distintos que compõe a sociedade, seus símbolos, signos, regras e marcas foram conferidos em Erving Goffman (1982), Foote Whyte (2005), Howard Becker (2008) e Loïc Wacquant (2004), às dinâmicas dos conflitos - entre si e com outros grupos -, bem como meios de burlar tais “códigos”.

Recorreu-se às técnicas qualitativas, tanto da observação quanto da realização de entrevistas, visando a reflexão sobre a realidade de grupos sociais de jovens e crianças nas cidades citadas, pensando-as a partir de uma problematização sobre periferia, margens, exclusão e reconfiguração do espaço urbano. A produção de uma sociedade desigual no acesso aos bens públicos e às condições de crescimento e desenvolvimento social, econômico e cultural, mais do que um diagnóstico, era antes a motivação para as análises.

Seja em Campos dos Goytacazes ou no Rio de Janeiro, não olvidando suas especificidades, o que nos chama a atenção são as questões quanto ao pertencimento, permissão, identificação e legitimação ou do não acesso a determinados lugares, definidos conforme a classe, cor, renda e status que se goza ou não. A presença dos grupos que acompanhamos, seus exemplos, ainda que não oriundos de manifestações organizadas, sem prévia intenção ou emprego para tais reflexões, é fundamental num processo de discussão sobre os rumos e a quem a cidade pertence (espaços urbanos públicos e mesmo os privados).

Para além da fronteira física, da dimensão espacial e das estruturas da cidade, os grupos acompanhados muitas vezes são vistos como estranhos à determinados espaços. Qual o enquadramento adequado que nos permite compreender o ponto de vista dos corpos negros, da juventude e da infância, residentes de periferias, que contrariam regras hegemônicas para dançar e brincar?

Como crianças e jovens lidam com os desafios impostos pela configuração da cidade, com a produção de espaços onde a desigualdade social é notável? Na presença de um cotidiano marcado por preconceitos e práticas racistas e de racialização, como eles constroem suas formas de vivência na e da cidade? Essas foram algumas das questões que nos orientaram.

2. Descrevendo o campo: a UENF e o MAM

A Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) fica



situada em Campos dos Goytacazes e foi fundada em 07/02/91 pelo Decreto 16.357. Como toda universidade de médio e grande porte, em especial as estaduais e federais, a UENF possui um espaço físico e aberto muito grande. Na chegada é possível avistar o Centro de Convenções desenhado por Oscar Niemayer, apelidado de “apito” pelo seu formato. Após atravessar a avenida principal da universidade é possível avistar os principais prédios da UENF: Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias (CCTA), Centro de Biociências e Biotecnologias (CBB), Centro de Ciência e Tecnologia (CCT) e o Centro de Ciências do Homem (CCH). Além destes prédios há entre as construções o restaurante universitário (RU), o prédio da Reitoria, a prefeitura da universidade, o Hospital Veterinário e todo um conjunto de casas de vegetação, estufas, e áreas de cultivo experimental de plantas e de criação de animais, haja vista que a universidade possui cursos de Agronomia e Zootecnia.

A universidade também conta com duas quadras poliesportivas que se localizam próximas ao prédio da reitoria e do CCH, além de uma piscina e do “Espaço da Ciência”⁵.

Além de todas as construções, a universidade possui uma série de campos abertos onde se pode jogar futebol e se praticar outras atividades e esportes. É muito comum observarmos moradores do entorno e principalmente estudantes e professores circulando pela universidade, fazendo caminhadas, andando de bicicleta. É comum também se utilizar o espaço da universidade como lugar para tirar fotos de aniversário, casamento ou gestação.

Por tudo o que foi exposto, percebe-se que a universidade é um espaço aberto e, por ser público, destina-se a todos os grupos, classes e pessoas que tem interesse em circular e aproveitar as oportunidades que o espaço físico oferece ao lazer. Além disso, o espaço também é acadêmico, com a possibilidade de entrada via vestibular (ENEM) e o sistema de cotas que vigora no Rio de Janeiro. A UENF é um espaço público e, como tal, o público tem direito a circular pela universidade.

Já o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro⁶, uma das mais importantes instituições culturais do Brasil, Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) juntamente com o Parque do Flamengo, foi fundado em 3 de maio de 1948.

⁵ Coordenado na ocasião pelo prof. Dr. Ronaldo Novelli que possui uma grande coleção de animais empalhados (segundo o professor, principalmente animais que foram encontrados em ruas, rodovias ou que morreram no Hospital Veterinário; nunca animais que foram mortos para serem empalhados) e que regularmente é visitado por estudantes da rede pública municipal e estadual de ensino.

⁶ À ocasião da pesquisa, o MAM tinha como mantenedores: Bradesco Seguros; Rede D’Or São Luiz; Petrobras; Organização Techint. Parceiros: Bolsa de Arte; PIPA Global Investments; Salta Elevadores; Lei de Incentivo à Cultura; Ministério da Cultura. Apoio de Mídia: Support; JB FM; Revista Piauí. Presidente e Vice-Presidente: Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand e João Maurício de Araujo Pinho Filho. Diretor: Luiz Schymura. Dentre alguns destaques históricos: 1965 - Mostra “Opinião 65” (a consolidar o MAM como polo de vanguarda brasileira); 1969 - “Salão da Bússola” (o artista Artur Barrio deixa sua primeira Trougha Ensanguentada); 1970 - Domingos da Criação (o vão livre reúne público e artistas em um grande happening); 1978 - Incêndio no Bloco de Exposições (foi perdido aproximadamente 90% das obras) (SOBRE, 2017).



[...] por sugestão de Nelson Rockefeller, que convenceu Raimundo Ottoni de Castro Maya e parte da elite econômica e política da então capital federal sobre a importância de uma instituição cultural do gênero. [...] A fim de construir sede-própria, em novembro de 1952 o museu ganhou um terreno de 40 mil metros quadrados da prefeitura em área a ser aterrada no Flamengo com o desmorte do morro Santo Antônio⁷. O lugar privilegiado é uma espécie de transição entre o centro e o Aterro do Flamengo (SEGRE et al, 2013).

O museu é uma organização particular sem fins lucrativos, constituída por quatorze pórticos em concreto armado, espaçados de 10 em 10 m, vencendo um vão de 26 m entre os apoios. Possui os montantes da estrutura bifurcados a partir do solo em formato de “V”, estando entre eles a estrutura dos pavimentos. Segundo o Centro de Memória do Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro,

[...] pensado para dialogar com a paisagem – a horizontalidade da composição para fazer frente ao perfil dos morros cariocas -, as fachadas envidraçadas trazendo para o interior o paisagismo de Burle Marx, o projeto de Reidy apresenta-se racionalista e plástico a um só tempo. Não há distância entre a estrutura e a aparência final. Os vãos livres têm um fim prático: a liberdade de composição oferecida ao espaço expositivo, o convite ao jardim no plano térreo. Do cuidado com o concreto aparente à escolha dos granitos e pedras portuguesas, o projeto ganha o parque. (AFFONSO, 2008, texto eletrônico).

O conjunto arquitetônico do Museu é tombado pelas três esferas: federal, estadual e municipal, ainda que algumas reformas ao longo do tempo não tenham respeitado o patrimônio. Em contradição ao projeto inicial, novas funções e atividades sociais foram inseridas, originando objetivos culturais outros, como iniciativas de refuncionalizar os edifícios para novos usos e funções, que em muitos casos produzem mudanças formais e espaciais, externas e internas, que mudam as imagens originais e a significação cultural, podendo desvalorizar a qualidade estética da arquitetura (SEGRE et al, 2013).

⁷ Segundo Carmen Portinho, engenheira civil que, em 1947, assumiu a Diretoria da Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Rio de Janeiro, “[...] terreno era só água, o desmorte do morro de Santo Antônio prosseguia. [...] Para se ter uma ideia do tipo de terreno, para fiscalizar os trabalhos ou fincar as estacas, eu, os engenheiros e técnicos, íamos de bote por toda aquela água”. (AFFONSO, 2008, texto eletrônico).



Figura 1: Dançarinas e dançarinos nos vãos. As “salas” do MAM



Fonte: Juan Barbosa (2018), arquivo pessoal da pesquisadora.

Tal estética da arquitetura do museu é também alterada quando do uso de grupos de jovens em prática de dança nos vãos livres da lateral (sobretudo da lateral localizada à esquerda da porta de entrada do museu). De frente à Baía de Guanabara, jovens, em maioria homens, negros, de classe social baixa, levam seus sons, acessórios, água e alimento para ficarem horas dançando, treinando individualmente ou em conjunto, ensaiando coreografias, passos, movimentos livres à perfeição das técnicas, a trocar ensinamentos e conhecimentos corporais e de vida.

O MAM é um ponto de encontro para as reuniões voltadas à dança que praticamente todas e todos interlocutores⁸ “sabe”, “ouviu falar”, já frequentaram ou frequentam. Motivados pela dança e através da repetição dos encontros, o MAM, um dos pontos turísticos cariocas de maior reconhecimento internacional, é visitado por grupos de jovens dançarinas e dançarinos que utilizam as “salas” (formadas pelos vãos de sua estrutura física) praticamente diariamente. Contudo, nenhuma e nenhum haviam adentrado ou visitado as exposições de arte do Museu, ainda que as quartas-feiras sejam dias de entrada gratuita (logo, atravessamentos não restritivos ao dinheiro). Trata-se de uma situação de contraste entre “os de dentro” e “os de fora”, dentre os que “podem” e os “que não podem” beneficiar-se dos equipamentos culturais da

⁸ Por indicação “bola de neve” foram contatados para a pesquisa 29 (vinte e nove) possíveis interlocutores. Destes, 20 (vinte) demonstraram intenção de troca à participação, e com 6 (seis) foram realizadas entrevistas seguindo à elaboração completa da metodologia programada em experimento: os Trajetos Itinerários. De dois pontos de encontros iniciais (MAM e Praça Mauá) foram detectados outros 17 (dezesete), totalizando 19 (dezenove) pontos a abranger toda a cidade (CUNHA, 2019).



cidade, a qual a história do museu já presenciou em outros momentos⁹.

Nos arredores do MAM acontecem muitas atividades. Práticas e usos sociais como comemorações de aniversários, ensaios fotográficos particulares e de formaturas, passeios a pé, de skate, patins, bicicleta, perna de pau, *Tai Chi Chuan*¹⁰, cursos de fotografias, aulas de yoga, reuniões a trabalho, estudo, lazer, realizações simultâneas de modo individualizado ou em grupos profissionais, em profissionalização, amador, ou passagens por hobby. Com frequência regular ou esporádica, com tomada de horas ou “para passar o tempo”, aos finais de semana, feriados ou em “dias úteis”, famílias, coletivos artísticos, estudantes, turistas locais e internacionais, vendedores ambulantes, taxistas, pessoas em situação de rua e transeuntes em geral, vão formando, desconstruindo e consolidando a importância não só do Museu como da dinâmica e vida que proporciona, dos processos de construções, significados, reconhecimentos e ressignificações.

3. Pensando a “Portelinha” e o “Jacaré”: periferia em Campos dos Goytacazes e no Rio de Janeiro

A Portelinha é um conjunto habitacional localizado ao lado da UENF. Ele foi entregue em 2008 por ocasião de um projeto da prefeitura para a construção de casas populares para a população ribeirinha que havia perdido suas moradias em enchentes em anos anteriores. O nome é uma referência a uma favela fictícia apresentada na novela “Duas Caras”, exibida na rede Globo entre 2007 e 2008. Os moradores que receberam uma casa no Complexo Habitacional do Matadouro, nome oficial da Portelinha, na sua grande maioria são oriundos do próprio entorno do antigo Matadouro Municipal, que existiu ali desde o final do século XIX até o fim do século XX. Pescadores, agricultores e criadores de animais, essa população habitava a região da futura UENF muito antes da criação da universidade.

Porque isso aqui antes de ser a UENF, era um terreno baldio, cheio de capim, essa figueira ali sempre existiu as pessoas sempre fizeram festas ali, gente que cuida do jardim, falando que dançava forró embaixo da figueira. Isso era parte da

⁹ “[...] em 1964, o superantropófago tropicalista Hélio Oiticica [...], invadiu o MAM do Rio com amigos passistas da Mangueira vestidos com seus *Parangolés*, que se aproximam da ideia da moda do ‘homem em farrapos’, um cortejo de trapeiros passistas. A relação com a dança e com o corpo se torna ainda mais visceral. [...] Foi um escândalo na época: o ‘morro’ descia ao ‘asfalto’ e, mais ainda, queria entrar no seu espaço mais elitista, o Museu de Arte. Foram todos impedidos de entrar. [...] O trabalho de Hélio Oiticica, criando uma espécie de ficção científica brasileira (voar é um milagre), atravessa ‘camadas sociais’. O mundo dos museus mostrava-se ao mesmo tempo despreparado e preparado para entender a importância do que estava acontecendo. De um lado, a direção proíbe a entrada do ‘povo’. Mas nos jardins, críticos, artistas, jornalistas e ‘parte do público’ aplaudiram a novidade”. (VIANNA, 2001 apud JACQUES, 2012, p. 137 e p. 171-172).

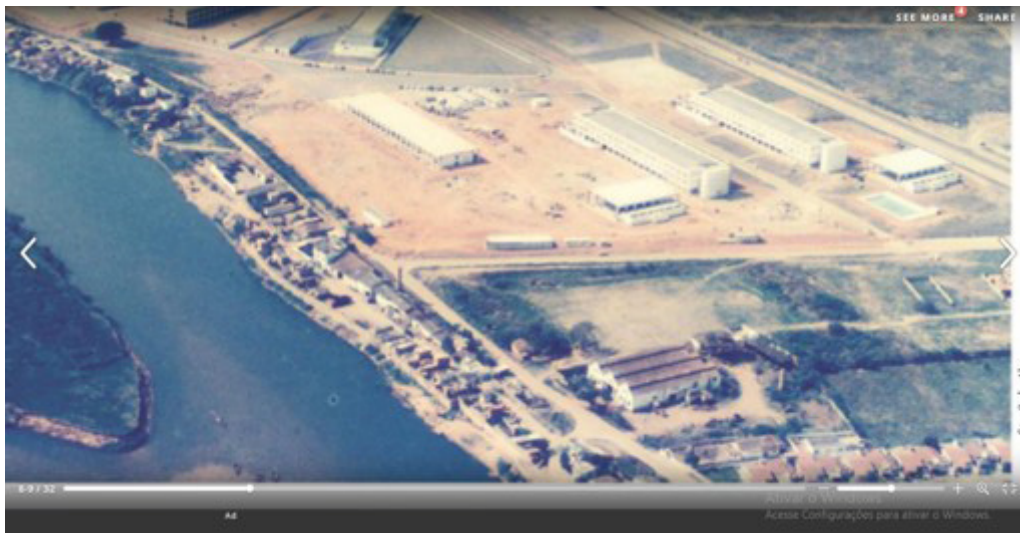
¹⁰ *Tai Chi Chuan* é uma arte marcial chinesa, reconhecida também como uma forma de meditação em movimento. Seus princípios filosóficos remetem ao taoísmo e à alquimia chinesa (TAI CHI CHUAN, 2018, texto eletrônico).



comunidade deles, um espaço que eles ocupavam, botando bicho – que tem muita gente que tem cabra e cavalo –, durante a construção a gente conviveu com isso (professor “R”, interlocutor da pesquisa, Caderno de Campo de Wallace Mello).

Se do ponto de vista da presença no território urbano, a população ribeirinha e de antigos trabalhadores do Matadouro que viviam na região estava estabelecida há muito, com as transformações ocorridas a partir do final do século XX - a dinâmica econômico-social dos condomínios de alto poder aquisitivo e a própria universidade - a exclusão social dessas populações também se intensificou. Eles se convertem em estranhos no próprio entorno em que as suas tradições, costumes e histórias se constituíram, a partir de uma nova dinâmica baseada no conhecimento formal acadêmico e no poder aquisitivo.

Figura 2: O Matadouro durante a construção da UENF nos anos 1990



Fonte: Carlos Alves na Revista Nossa UENF (agosto, 2011).

A passagem dos anos 70 aos anos 90 do século XX foi marcada por dois processos importantes no entorno do Matadouro. De um lado, o desemprego crescente e o empobrecimento das condições de sobrevivência e subsistência por parte dos moradores da região, acrescido de um aumento da criminalidade, consumo de drogas e da presença do tráfico. De outro, houve o surgimento de uma série de condomínios fechados e de médio e alto poder aquisitivo, criando toda uma alteração na questão da terra e no seu acesso na região.



Figura 3: O entorno da UENF: Portelinha, Matadouro e Condomínios



Fonte: Google Maps, 2019.

A foto acima apresenta a configuração social e urbana da região da UENF e da Portelinha. À esquerda, a Universidade. Mais à direita, o Conjunto Habitacional Matadouro, ou Portelinha. Em vermelho 4 condomínios fechados próximos à UENF (Bougainville à direita, Privilège à esquerda, Verdes Campos no centro), não considerando, para ilustrar o argumento, as casas e prédios de alto valor econômico.

Esta imagem já nos permite pensar uma das questões mais fundamentais quando se pensa no processo de formação e transformação das cidades e de sua estrutura urbana – e por que não mundiais – que é a profunda desigualdade social¹¹ e piora nas condições de vida, trabalho, lazer e sobrevivência (DAVIS, 2006). Além disso, é importante considerar que não há nenhum aparelho público de lazer e cultura na região da Portelinha, exceto a universidade.

Se por um lado os moradores da Portelinha estão cercados por condomínios fechados de alto poder aquisitivo, de outro estão limitados pelo Rio Paraíba do Sul. Espremidos entre um limite geográfico e um limite

¹¹ Segundo estimativas feitas a partir de um contato com um dos moradores do *Privilège* e interlocutor da pesquisa, uma casa neste condomínio em frente à UENF está custando entre R\$ 600.000,00 e R\$ 1.000.000,00. De fato, trata-se de um privilégio - pensar a noção de privilégio nos abre a perspectiva de pensar o processo de construção da desigualdade no Brasil e de exploração de uma classe sobre outra que propicia esta situação -, conferido a poucos a possibilidade de pagar este valor numa casa. É interessante pensar a contribuição de Henri Lefebvre (2013) e David Harvey (2009) sobre a produção da cidade e a transformação das cidades. A cidade está em todo lugar, “[...] dividindo-se em diferentes partes separadas, com a aparência de formação de muitos ‘microestados’. [...] Estas são as cidades neoliberais que o capital construiu na sua tentativa desesperada de absorver os excedentes que ele mesmo cria. [...] A liberdade da cidade foi apropriada por uma elite financeira da classe capitalista em seu próprio interesse. Tem ainda que ser contraposta pelos movimentos populares”. (HARVEY, 2009, p. 16). “Daí o esforço para sair da confusão, considerando o espaço (social), assim como o tempo (social), não mais como fatos de ‘natureza’ mais ou menos modificada, e nem como simples fatos de ‘cultura’; mas como *produtos*. [...] Impossível pensar a cidade e o urbano modernos enquanto obras (no sentido amplo e forte da obra de arte que transforma seus materiais), sem primeiramente concebê-los como produtos”. (LEFEBVRE, 2013, p. 124-125).



econômico-urbano, a população necessita ressignificar suas vidas, práticas sociais, reinventando modos de vida, de brincadeiras, de diversão e de usos da cidade.

Se a estrutura econômica e social é um elemento de diferenciação da população da Portelinha em comparação com outras ao redor da UENF, na medida em que dificulta o acesso a bens e dispositivos urbanos e à utilização e participação de políticas públicas – sem contar na dificuldade em se fazerem ouvir ou serem ouvidos pelo poder público –, a limitação geográfica também exerce um papel importante de limitação da circulação. Em uma das conversas com jovens da Portelinha em 2018, alguns dos interlocutores afirmavam que quando não estavam na Portelinha estavam ou na UENF ou tomando banho de rio no Paraíba.

Ao refletir sobre esse processo de reconfiguração do uso do espaço urbano e de um processo de exclusão social, pode-se pensar na discussão sobre gueto a partir dos trabalhos de Wacquant (2004). Ele propõe pensar o gueto como um fenômeno, um processo originado de transformações sociais, políticas e econômicas. Neste sentido, o gueto não é uma “área natural”, produto da “história da migração” (WIRTH, 1928, p. 284), mas sim uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano (WACQUANT, 2004).

Podem ser detectados nesse momento inaugural os quatro elementos que constituem o gueto, isto é, o estigma, o limite, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional. O gueto é um meio sócio-organizacional que usa o espaço com o fim de conciliar dois objetivos antinômicos: maximizar os lucros materiais extraídos de um grupo visto como pervertido e perversor e minimizar o contato íntimo com seus membros, a fim de evitar a ameaça de corrosão simbólica e de contágio. (WACQUANT, 2004, p. 157-158).

Contudo, ainda que haja limite físico e estigma – sobretudo ligado ao tráfico, consumo de droga, crime e miséria - diferentemente do gueto definido por Wacquant (2004), na configuração social e urbana da Portelinha não há confinamento espacial, nem foi percebido o encapsulamento institucional.

Pode-se refletir sobre o fato de que quem reside no Privilège reside a menos de 500 metros da Portelinha, e vice-versa. Há um abismo econômico na pouca distância que separa estas famílias e indivíduos. Muito embora residam próximos, as dinâmicas sociais, culturais, simbólicas e de acesso aos bens públicos decorrentes destas diferenciações econômico-sociais são muito distintas. Claro que esta situação de desigualdade social não é uma exclusividade de Campos dos Goytacazes, muito pelo contrário, a sociedade brasileira foi constituída a partir desta diferenciação (CARDOSO, 2010). E essa desigualdade também é uma realidade na vida dos jovens dançarinos do Jacaré.

No caso carioca, o que parecia complicado e difícil ao entendimento sobre limites e demarcação – a quem não é morador local - ocasionando

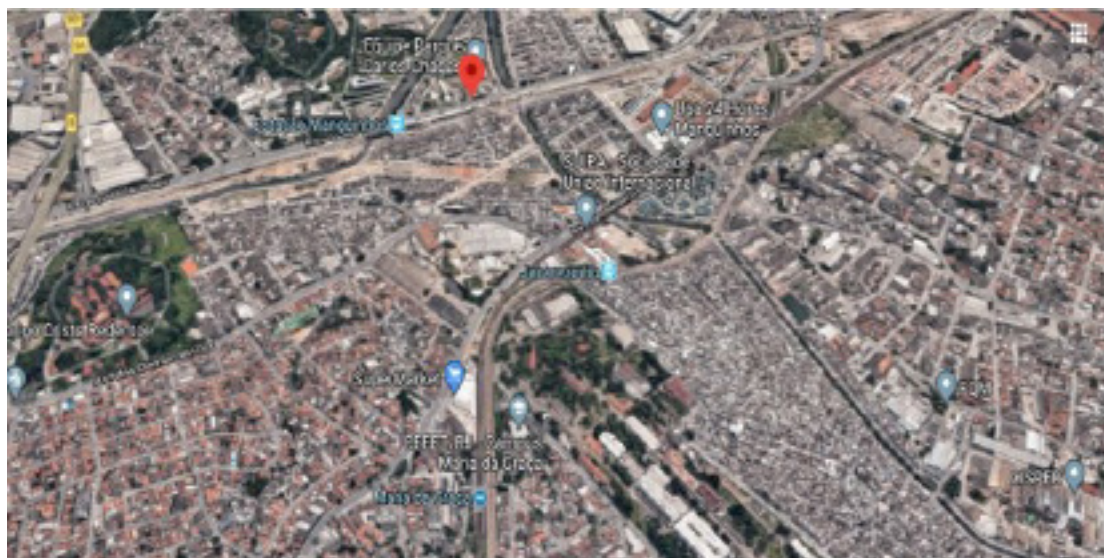


falas erradas que grotescamente acabavam por igualar ou unir as “partes do Complexo Manguinhos”, prontamente eram corrigidas: “Não. Lá é Manguinhos, lá [é] Jacaré”.

Trata-se da Zona Norte do Rio de Janeiro, região sede da Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz - instituição referência principalmente na área de saúde), entre os limites dos bairros Bonsucesso, Higienópolis, Jacarezinho, Jacaré, Benfica, Caju e Maré, que tiveram a interferência das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Segundo uma publicação, Informação Pública, divulgada no site do governo, o Projeto Estruturante Urbanização é um programa da parceria com o Governo Federal, coordenado pela Secretaria de Estado de Obras (Seobras) iniciado no ano de 2008. O Centro Cívico a integrar o projeto é uma área de 35,5 mil metros quadrados que congrega: Parque Aquático/Ginásio; Biblioteca Parque; Centro de Referência da Juventude; Centro de Apoio Jurídico; Centro de Geração de Renda; UPA; Escola de Ensino Médio e Casa da Mulher (GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO, 2017). Com investimento de R\$ 574.865.064,88, o arquiteto Carlos Eduardo D. Magalhães e o engenheiro Marco Aurélio Marques Corrêa, da EMOP (Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro), em parceria do Governo Federal em valores de R\$ 176.200.000,00, informaram ter entregado tais obras em 2009¹².

Figura 4: Leopoldo Bulhões. A "Faixa de Gaza"



Fonte: Google Maps, 2019.

¹² Contudo, o anúncio foi atualizado após dois dias de sua publicação, contendo dentre outras novidades, sobretudo na alteração das cifras, as seguintes informações da nova matéria de título Manguinhos ganha outras obras de infraestrutura. Segundo a reportagem, “[...] depois da pacificação, o Complexo de Manguinhos vai ganhar, em breve, outras obras de infraestrutura. Serão construídas unidades habitacionais, áreas de lazer e esportivas, com ciclovia, quadras, campos de futebol, pistas de skate e equipamentos esportivos, além de novas vias que vão ligar a Avenida Leopoldo Bulhões e a Rua Uranos. O investimento total é de R\$ 90,6 milhões”. (MANGUINHOS, 2012, texto eletrônico).



Em acompanhamento aos informativos, é lamentável a confirmação de violências por parte do Estado como os textos do site oficial que utilizam escolhas de frases infelizes em suas associações, ao exemplo do uso da expressão “Faixa de Gaza”, além das inverdades anunciadas:

[...] o governo do estado, em parceria com o governo federal, já investiu R\$ 567,7 milhões na primeira fase do PAC Manguinhos. Lá, foram entregues o Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila; um complexo esportivo; um parque aquático; uma UPA 24h; um Centro Vocacional Tecnológico – CVT; 1.048 unidades habitacionais, sendo 568 no DSUP (Avenida Dom Hélder Câmara) e 480 (Conjunto Embratel); uma biblioteca-parque, com acervo de 25 mil livros e equipada com 40 computadores com acesso à internet, três milhões de músicas em arquivo digital e 700 filmes em DVD; um centro de geração de renda; um centro de apoio jurídico; a Casa da Mulher e um centro de referência da juventude. [...] O grande muro próximo à estação recebeu imagens de grafiteiros. Toda a extensão da Rua Leopoldo Bulhões recebeu serviços de drenagem, asfaltamento e iluminação pública. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2017, texto eletrônico).

Tanto que, em março de 2017, o famoso single de funk, a música “Rap da Felicidade” dos MCs Cidinho & Doca, foi referência para a chamada de um mutirão organizado pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/ Fiocruz): “Eu só quero é ser feliz em defesa da cultura na favela onde eu nasci”. Um “Grande evento comunitário e cultural na praçinha do PAC em Manguinhos” (PRAÇA, 2017, texto eletrônico), com moradores e trabalhadores da Fiocruz e bairros vizinhos, para a realização de ações como limpeza, pintura e pequenos consertos na escola. Uma realização “além das devidas cobranças já feitas às autoridades”, ante necessidades pois, segundo a matéria no site da Fiocruz, a falta de recursos compromete a preservação e o funcionamento de espaços como a Biblioteca Parque de Manguinhos e seu teatro os quais, durante o período de acompanhamento da pesquisa, se encontravam fechados. E o Colégio Estadual Compositor Luiz Carlos da Vila havia sido invadido, furtado e depredado (PRAÇA, 2017).

4. Sobre a circulação e os (ab)usos nos espaços públicos: dançando, brincando e ressignificando os aparelhos urbanos

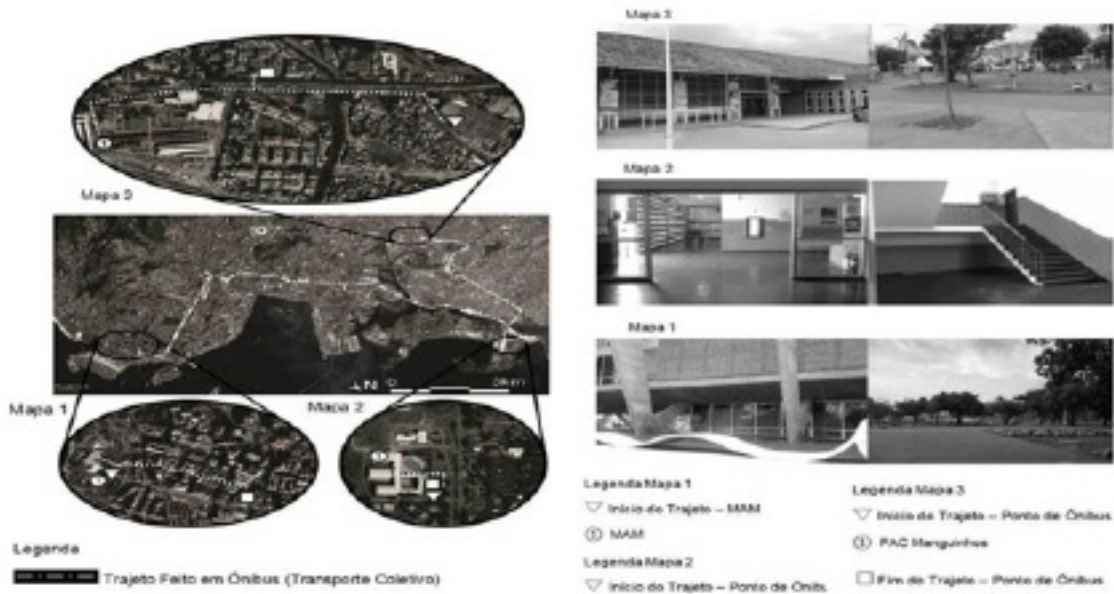
Ainda que os estudos em perspectiva comparada, da capital ao interior, tragam muitas semelhanças em seus processos interseccionados pela classe e pela etnia, as especificidades dos modos vividos e elaborados aos usos dos equipamentos públicos dos interlocutores e das interlocutoras acompanhados e acompanhadas se fazem principalmente pelo deslocamento. Se os campistas se utilizam da UENF como seu “quintal”¹³ de casa, divididos por uma rua, os

¹³ Segundo Jane Muniz, foi um professor do CCH quem conversou com os meninos e afirmou para



“cariocas” necessitam de transportes públicos, ônibus e ou trens – uma hora sem engarrafamento - para traçarem Jacaré x MAM.

Figura 5: Exemplo de um dos trajetos itinerários, locais de ensaio, dos dançarinos e dançarinas acompanhados



Fonte: Produção própria com colaboração de Marco Aurélio Cunha, imagens do arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Se os grupos sociais, as classes e os mais diferentes segmentos sociais constituem significados diferentes de si, sobre si, sobre o outro e sobre a interação, os espaços sociais, os territórios e as relações sociais também são produzidas de acordo com interesses e visões de mundos (HARVEY, 2009; LEFEBVRE, 2016).

Nosso encontro foi em Manguinhos, local a mim, em primeira visita, ser complicado de “visualizar” os limites e demarcação que por vezes ocasionava uma fala desatenta e errônea ao igualar ou unir a região como uma, ao que eu era sempre sabiamente corrigida por eles: “Lá é Manguinhos, lá [é] Jacaré...” [...]. Ao me despedir, na Rua Leopoldo Bulhões, uma das principais, com quatro vias a dividir uma via dupla para cada sentido, em tangente à linha do trem (Ramal Central – Gramacho), conhecida como “Faixa de Gaza”, pela violência, em referência à região homônima na Palestina, as falas em tom de brincadeira e exposição de sabedoria e proveito apresentavam-se também como um convite e até mesmo um teste: “Vamo te deixa dentro do ônibus, de preferência sem paga passagem (risos) [...] Mas ele não parou porque eu dei sinal não, foi a tia ali que também deu, se fosse pra mim tinha passado direto”.

eles que a UENF era seu quintal. A frase, segundo ela, foi incorporada por eles e passou a fazer parte do vocabulário dos meninos no dia-a-dia. Isso diz muito sobre como a interação é complexa e complementar. Os signos são apropriados e instrumentalizados pelas crianças (MELLO, 2019).



Soando quase que contraditório, à condição nativa que produzia domínio e controle, como a imposição frente aos carros quando atravessamos a rua: “Hi, se não andar vai ficar aqui até amanhã (pois eu estava esperando o sinal fechar, e ficar então verde para nós, os pedestres, poder atravessar)”. Falou Vitor¹⁴ enquanto o Tiago iniciou a travessia em demonstração e confirmação de que essa fala também poderia ser sua. “O sinal já vai fechar”. Eu disse em demonstração de que logo será tranquila “uma travessia segura”. “Tem nada de sinal aqui não”. Completou Tiago tendo sua fala reiterado por Vitor: “[o carro] Vai parar. Tem que parar pra morador”. (Caderno de Campo de Mirila Cunha, 2018).

Nesse sentido a definição de espaço público por Rogério Proença Leite (2002), como uma dimensão socioespacial do espaço urbano, da vida urbana, é percebida na passagem acima apresentada. A observação em Tiago e Vitor é um demonstrativo de que:

Nosso encontro foi em Manguinhos, local a mim, em primeira [...] um espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações. [...] os espaços urbanos podem se constituir como espaços públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente. [...] espaço público como uma categoria construída a partir das interfaces entre os conceitos de esfera pública (do qual retira a categoria ação) e de espaço urbano (do qual retém a sua referência espacial). Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como dimensão socioespacial da vida urbana. (LEITE, 2002, p. 116).

Logo, espaço urbano, conforme apresentado, torna-se um espaço público através da ação e influência a promover sentido ao espaço. E tal condição, acionada por pertencimento e sentido, é proveniente justamente quando está na dimensão pública. É na vida pública que as diferenças são (re)afirmadas por seus atores.

Seja no MAM ou na UENF, percebe-se uma multiplicidade de usos dos espaços e a presença de vários grupos com suas motivações e suas questões particulares. A presença de crianças, adolescentes, jovens e adultos do entorno da universidade no espaço da instituição se deu desde sempre. Sobretudo porque a UENF nem sempre teve grades e muros. A própria construção dos muros, relataram professores, foi um tema de debate na instituição. Eram comuns as presenças de animais e moradores.

A partir de 2015, se intensificando em 2016, com os cortes orçamentários da crise econômica, o contexto muda, afetando sobretudo os serviços de segurança e limpeza, ocasionando o “abandono” dos prédios por parte da “comunidade acadêmica”, ao passo que a comunidade da Portelinha passou a frequentar mais a universidade. Apesar disso, os relatos informam que desde sempre a universidade esteve aberta à comunidade do entorno. Segundo “R”,

¹⁴ Os interlocutores possuem nomes fictícios.



professor da universidade:

[...] nem eu sei como a coisa aconteceu (a presença de moradores circulando na universidade), mas tiveram alguns marcos interessantes, mas quando a gente fez a tela em volta da universidade, a universidade era totalmente aberta a parte de trás. A parte da frente era fechada tinha uma tela, mas a parte de trás não tinha, então era trânsito livre, como sempre foi. (Caderno de Campo de Wallace Mello).

Apesar da dificuldade da descrição da totalidade daqueles que circulam pela universidade¹⁵, nas observações e entrevistas realizadas foi possível identificar, pelo menos, quatro tipos diferentes de grupos de moradores da Portelinha que circulam pela UENF: adultos trabalhadores, jovens meninos entre 15 e 30 anos, crianças e adolescentes meninos de 08 a 15 anos e meninas de 10 a 15 anos¹⁶. Essa divisão baseia-se tanto em critérios biológicos (idade próxima ou relativamente próxima dos interlocutores) quanto em critérios sociais, dado as semelhanças em termos de moradia e usos do espaço público da universidade e as relações - percebidas e identificadas - estabelecidas entre si.

Entre os jovens de idade entre 15 e 30 anos, para ambos os casos estudados, são corpos já fisicamente adultos: músculos, altura, peso. Elementos que reforçam uma imagem estereotipada do corpo negro como um potencial risco à segurança. Uma ameaça quando não está a serviço, quando não é à “sua” proteção. Para as duas situações, estigma (GOFFMAN, 1982) bem localizado: o negro como violento, a transpor a cristalização negativa da figura do corpo negro. Na mídia, nos programas televisivos focados na violência urbana e em discursos de políticos ou determinados grupos, a associação entre cor da pele, crime e violência é muito recorrente. A questão racial é um dos elementos discutidos por Misse (2015) na construção que ele faz do conceito de Sujeição Criminal.

Se os usos dos espaços e a circulação desse grupo é mais restrita, as tensões também se tornam mais evidentes. Além dos comentários, dos boatos e medo compartilhado dos corpos negros, o uso da quadra demarcou claramente uma tensão entre a comunidade da Portelinha e a universidade. Nesse sentido é o relato do Reitor Passoni:

[...] e essa questão (da integração e interação entre comunidade do entorno e comunidade acadêmica) ela é bem exemplificada, no uso das quadras. A Comunidade começou a usar a quadra, daí

¹⁵ Importante esclarecer que nesse texto, as atividades de extensão e projetos voluntários que envolvem as crianças e adolescentes da Portelinha desenvolvidos na UENF não serão tratadas. Tanto por questões de escopo quanto de espaço. Para uma visão sobre isso, ver o terceiro capítulo da dissertação de Mello (2019).

¹⁶ Há uma circulação de moradores da Portelinha para fins de trabalho na universidade. Foram identificadas algumas trabalhadoras terceirizadas que residem na comunidade, mas também há a presença de trabalhadores informais, criadores de animais que pastam nos gramados da universidade e mesmo oferecem ou já ofereceram serviços como a venda de refeições e outros alimentos.



fomos lá, conversamos com pessoal, acertamos a modificação dos horários, foi tudo compreendido e tudo deu certo, então esse é um bom exemplo, eu acho que, é, tem essa questão um pouco, da questão de ficar testando os limites, e tal, mas a gente consegue acertar os interesses).

No MAM, um marco foi o conhecimento de que a frente do museu era tida como proibida à utilização dos *B.Boys* e das *B.Girls*. A justificativa era por poder atrapalhar a passagem. Mas presenciei um grupo utilizando a frente do MAM. O grupo era constituído por pessoas da terceira idade, de maioria branca e com movimentações mais ralentadas e de posições altas: praticantes de *Tai Chi Chuan*.

Na UENF, segundo o Reitor Passoni, foi necessário um processo de negociação. Isto sugere uma certa integração e uso do aparato da universidade onde se está junto, mas separado, na medida em que se definem os horários de funcionamento da quadra para um e para outro grupo, mas não momentos de uso comum do espaço.

No MAM são variadas as necessidades e possibilidades de negociações atravessadas pelo limite da circulação. Segundo a interlocutora Ane pode se “utilizar as laterais do museu [...] que é justamente onde também os moradores de rua também usam pra se abrigar em dia de frio, em dia de chuva”, pode “pegar com a tia [funcionária de empresa de limpeza terceirizada do museu] um pano ou vassoura para limpar o chão”. Soma às suas falas os registros a seguir das interlocutoras Teles e Mari¹⁷:

[...] pra colocar um som [...] então a gente sempre leva uma caixa de som ou até mesmo celular, e coloca lá [...] mas essa coisa do MAM nos restringir essa questão de usar o banheiro, de beber uma água isso..., isso acho que atinge muito. Assim..., acho que... é acho, que poderia ser um pouco mais maleável nesse sentido [...], essa é uma questão um pouco mais delicada assim...[...] a gente já tentou, a gente já pediu, mas isso nunca... sempre passaram: “Não, tenho que comunicar com uma pessoa”, depois passa pra outra, e pra outra e nunca foi resolvido e desde então sempre foi muito restrito essa..., essa questão pra gente tá utilizando e tudo. (Fala da interlocutora Ane em entrevista no dia 24 de abril de 2017).

[...] nunca aconteceu comigo, já escutei. Ah, sei lá: Tentei entrar pra beber uma água, ir no banheiro, eles disseram que não podia, tinha que pagar, etc. [...] E engraçado também como o MAM ignora um movimento tão forte que acontece ali. Tipo assim: Eu não me responsabilizo por isso. (Fala da interlocutora Teles em entrevista no dia 21 de setembro de 2017).

[..] muitas vezes, a gente tem que admitir que uma mão lava a outra né? Porque as atenções daqui [do MAM] não é só o museu. Tem muitos gringos e muitas pessoas que vêm pra ver

¹⁷ Percebemos em nossos trabalhos a influência de gênero. Uma pesquisadora, mulher, acompanhando grupos de *Breaks* majoritariamente de homens. E quando ao grupo de meninas e adolescentes na UENF com o pesquisador, homem. Ainda que não tenha sido foco de nossas discussões, reconhecemos que processos podem ser facilitados ou dificultados, abertos ou restritos para as pesquisas, a partir de nosso “enquadramento” por parte dos interlocutores.



o pessoal dançando aqui. A gente escuta bastante isso. Ou eles chegam e falam: “Poxa não sabia que vocês iam tá aqui...; Eu tiro foto...; Não sei que”. Então podia haver muito mais uma parceria do que um: “Não, você só fica aí. Só entra se pagar e etc”. Por isso que eu acho que é muito: ‘Deixa eles lá, a gente aqui’. Não tem muito essa comunicação. (Fala da interlocutora Mari em entrevista no dia 7 de novembro de 2017).

O grupo mais visível a circular pela universidade é o de crianças e adolescentes, de até 15 anos, formado exclusivamente por meninos. Esse grupo anda de bicicleta, sobe e desce as rampas dos Centros com carrinhos de rolimã, pedem comida no Restaurante Universitário e Centros, pegam frutas nos pés. É sobre eles que recaem as principais reclamações e acusações. Os meninos que tratam a UENF como quintal, frase pronunciada ao menos duas vezes por um deles, andam em grupos de 3 a 6. Os interlocutores do Jacaré foram apresentados, e são conhecidos, como “os meninos que sempre andam juntos”.

Figura 6: Os meninos da Portelinha na UENF



Fonte: Acervo pessoal.

Surgem tensões a partir tanto de acusações como roubos, intimidação, ameaças, destruição do patrimônio, reclamações de interrupção de atividades acadêmicas, aulas invadidas, isso na universidade, e, na cidade, a utilização dos ônibus pela porta traseira, ou “pular a catraca” para se locomover sem custos do Jacaré ao MAM.

Outro interlocutor, “L”, informa que:

[...] Tinha um deles, bem esperto, muito marrento, bem expressivo, ele era tipo o líder do grupo, parecia bem inteligente, não sei que fim levou, nunca mais o vi, parecia



um rapaz bem inteligente, a maneira rápida de responder, e aí foi o que chamou atenção, porque eles intimidavam, mas não ficavam fazendo “esporrera” [confusão]. Eles ficavam andando por aí. Como eles conviviam com o pessoal do CCH, o pessoal estava mais acostumado, mas quando eles iam lá pra baixo a coisa ficava mais complicada. Houve uma época, chamou atenção negativamente, não sei se era esse grupo, se ainda era esse grupo, porque parece aquela coisa né: a turma de dois mil e poucos, daí veio a outra geração, a turma de não sei quantos. Eles fizeram uma zona do cacete, quebraram aquelas latas de lixo recicláveis, separando os lixos, não sei chegaram a quebrar um dos carros, fizeram uma zona, começou meio que a esquentar. Tiveram que conversar com um pessoal aí e enfim. (Caderno de Campo de Wallace Mello).

Note-se que o informante não sabe identificar qual grupo foi o responsável pela destruição de lixeiras. Esse elemento de generalização de que todos os meninos e meninas (da Portelinha) são agressores, violentos, intimidadores, potenciais riscos, em suma, é muito repetido, reforçando o estigma e o estereótipo sobre esses grupos. Como lembra o interlocutor, a própria relação entre os funcionários da universidade e os moradores da Portelinha sugere que há um espaço de negociação e de trânsito. Nas visitas à Portelinha e à entrada do Jacaré a informação de que se estava em “território seguro” de roubos, assaltos, sequestros e ataques à vida, eram sempre valorizados por seus moradores e mesmo por pessoas que se apresentavam como tendo relação com o tráfico.

Olhares e reclamações para os corpos que gritam, correm, dançam, comem, pedem, são parte de um “sentimento” de ameaça. Argumenta-se que mais do que ameaçar o patrimônio – a universidade, o museu, o transporte público - ou a condição física de professores e estudantes, turistas e moradores, há desconforto por estarem presentes. É provocada sobre a aproximação destes corpos o distanciamento dos corpos que presenciam a comunidade universitária pelo usufruto científico e o público desejado ao desfrute das exposições artísticas no MAM. Além disso, os limites, as restrições e as acusações são utilizados como um instrumento de afastamento a partir da estigmatização em prol de uma suposta necessidade de segurança, bem-estar e proteção (de/para quem?).

5. Considerações finais

Embora os trabalhos não formem uma síntese única, dado que havia uma distinção quanto ao público, ao espaço e mesmo à abordagem, a comparação sobre as formas de uso e de circulação dos jovens de periferia do Rio de Janeiro e de Campos dos Goytacazes trouxe pontos explorados importantes. Se, de um lado, é nítido o corte de raça e de classe quando se analisa grupos sociais marginalizados ou segregados, tanto em Campos quanto no Rio de Janeiro, as experiências urbanas e os usos dos aparelhos urbanos das cidades



acompanhadas configuram também sentimentos, lógicas e necessidades outras de pertencimento. Foi possível identificar como esses grupos, de forma improvisada, criativa, autônoma, ousada e desafiadora, questionam as posições sociais e ressignificam suas existências e suas formas de interação nos espaços.

Entretanto é a problemática da produção da desigualdade e do acesso diferenciado aos espaços urbanos, aqui especificados nas periferias das cidades de Campos dos Goytacazes e do Rio de Janeiro – Portelinha, Jacaré - que nos permite uma orientação base para uma análise de diferentes segmentos sociais.

Tiagos, Vitors, Josés, Marias e tantos outros nomes de jovens nascidos e criados em periferias das cidades do Brasil, são frutos da modernidade, na medida em que apontam com suas vidas para uma negação fria das posições sociais impostas. Entretanto, essa modernidade que criou o espaço público (HABERMAS, 2014), podendo ser privado ou não, mas que pressupõe a liberdade de acesso de um conjunto de indivíduos e grupos sociais, também constituiu uma sociedade desigual, racista, sexista e hierarquizada na qual esses meninos, meninas e jovens defrontam desafios, tensões e questões.

Ao lado de todo um conjunto de projetos públicos governamentais de revitalização dos espaços, remodelamento das construções e melhorias de suas condições de usos, é fundamental a atenção para as possibilidades outras de utilização, circulação, presença e participação de diferentes grupos sociais. As crianças e os jovens – como aqueles que nos permitiram desenvolver as pesquisas – tem todo um conjunto de demandas por espaço, lazer, cultura e vivência no espaço público que não passa necessariamente por asfaltamento, abertura de ruas para o tráfego de ônibus, carros, caminhões e demais veículos.

A arte, a dança, a cultura, os esportes coletivos e individuais e a vivência em comunidade são fundamentais para a qualidade de vida e para o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as idades, classes sociais e endereços. O tema não se encerra aqui, certamente. Distintos grupos sociais em processos de interações e usos no espaço público evidenciam tensões, problemas e disputas. Nós demonstramos brevemente exemplos de “exposições implícitas” de abandono e descaso de grupos, territórios e classes não consagradas. É importante lembrar e demarcar que *a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*, como diz a canção.

Referências bibliográficas

AFFONSO Eduardo Reidy. **Arquitetando**: falando da história da arquitetura, do urbanismo e da arte, 30 mar. 2008. Disponível em: <<https://arquitetandoblog.wordpress.com/2008/03/30/affonso-eduardo-reidy/>>. Acesso em: 29 mai. 2017.



BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: < https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2013/08/06/mp_leis/leis_texto.asp?ld=LEI%209887>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 153-172.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil**: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CUNHA, Mirila Greicy B. **É o Encontro das pessoas que transforma: a cidade do Rio de Janeiro por jovens que dançam**. 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2019.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade da Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Site oficial do governo do Estado do Rio de Janeiro. Página Inicial. Disponível em: <<http://rj.gov.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1982.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

HARVEY, David. A Liberdade da Cidade. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 26, 2009, p. 9-17. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74124/77766>>. Acesso em: 20 nov. 2017.



JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política: o direito à cidade II**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio – A produção do Espaço. **Estudos Avançados**, Vol. 27, nº 79, 2013.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **RBCS**, v. 17, n. 49, junho/2002, p. 115-134. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcso/a/v6ync4yt8tMpKWYRrvTpR5p/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MANGUINHOS ganha obras de infraestrutura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 out. 2012. Disponível em: <<https://www.jb.com.br/rio/noticias/2012/10/15/manguinhos-ganha-obras-de-infraestrutura.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MELLO, Wallace da Silva. “**A UENF é meu quintal**”: representações infanto-juvenis e dinâmicas de interação no espaço público em Campos dos Goytacazes. 2019. 171 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2019.

MISSE, Michel. Sujeição Criminal: quando o crime constitui o ser do sujeito. In: BIRMAN, Patrícia et al (Org.). **Dispositivos Urbanos e a trama dos viventes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

PRAÇA Pac Manguinhos: evento realiza mutirão no próximo sábado. **Fundação Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, 24 abr. 2017. Disponível em: <<http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/41478>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SEGRE et al. O resgate da unidade perdida: o Teatro do Museu de Arte Moderna de Affonso Eduardo Reidy. 7º Seminário Docomomo Brasil, 2007, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, out. 2007. Disponível em: <<https://docomomo.org.br/course/7-seminario-docomomo-brasil-porto-alegre/>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: SILVA, Luiz Antônio Machado de (Org.). **Fazendo a Cidade**. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

SOBRE o MAM. Museu de Arte Moderna – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



Disponível em: <<https://mam.rio/sobre/>>. Acesso em: 29 mai. 2017.

TAIchi chuan. **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tai_chi_chuan&oldid=60721320>. Acesso em: 20 dez. 2018.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 23, nov./2004, p. 155-164.

WIRTH, Louis. **The Guetto**. Chicago: University of Chicago, 1928.

Como citar este artigo:

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt; MELLO, Wallace da Silva. Da Capital ao Interior: os usos do espaço público por crianças e jovens de periferia em perspectiva comparada. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 10, n.1, p. 324-345, jan./jun. 2021.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/10121.569>

Data de submissão do artigo: 17/08/2020

Data da decisão editorial: 24/12/2020